

- Apresentação
 - O que é o Portal Setor3
 - O que é Terceiro Setor
- Notícias
 - Agenda
 - Deu Certo
 - Entrevista
 - Clipping
 - Educação e Cidadania
 - Opinião
 - Publicações
 - Repórter S3
 - Últimas Notícias
- Comunidade e Serviços
 - Apoio à Gestão Social
 - Arquivo S3
 - Bate Papo
 - Cidadania Empresarial
 - Classificados
 - Financiadores
 - Glossário do Terceiro Setor
 - Links Recomendados
 - Site Solidário
 - Pesquisas e Estudos
 - Receba as Novidades
 - Senac no Terceiro Setor
 - Voluntariado
- Canal com o Internauta
 - Dúvidas comuns
 - Envie seu Artigo
 - Expediente
 - Fale com o Setor3

REPÓRTER S3

Diadema, em SP, reverte índices de violência e sai do topo do ranking de homicídios

Laura Giannecchini
10/06/2005

Até 1999, o município de Diadema, na Região Metropolitana, de São Paulo ocupava o topo do ranking de homicídios do Estado. Em média, a cidade (que tem a segunda maior concentração populacional do Brasil, totalizando 12 mil habitantes por Km²) contava com o alarmante número de mais de um assassinato por dia - 41 homicídios por mês.

A partir do ano de 2000, entretanto, a cidade passou a reverter esses índices. Em 2002, o município implementou a Lei Seca (que determina o fechamento dos bares das 23 às 6 horas, autorizando apenas os estabelecimentos credenciados a abrirem suas portas durante esse horário) e passou a adotar medidas preventivas à violência, em parceria com organizações da sociedade civil.

O resultado é que, de acordo com o Mapa da Violência do Estado de São Paulo - um estudo apresentado recentemente pela UNESCO -, o município conseguiu reduzir em mais de 50% seus índices de violência. Conforme dados da Secretaria de Estado de Segurança Pública, a média mensal de homicídios no município caiu para 10,8 pessoas, em 2004.

A cidade é apontada pela pesquisa como um caso emblemático do que se verificou no Estado de maneira geral. Ao contrário dos demais Estados brasileiros, São Paulo, entre 1999 e 2003, conseguiu reduzir em 5% ao ano seus índices de homicídio, suicídio e acidentes de transportes.

O estudo, que analisou os casos de homicídio, suicídio e acidentes de transporte, bem como a evolução do uso de armas de fogo nos crimes paulistas, aponta três fatores que operaram de forma conjunta e decisiva para a queda desses índices: a melhoria do aparato de segurança pública (com maiores investimentos); a conscientização e organização da sociedade civil em torno do tema; e a articulação das instâncias públicas e privadas em estratégias de enfrentamento da violência.

Da teoria para o dia-a-dia



Cleiton Pereira, que participa do Cinema à Pampa da ACER.

No bairro de Eldorado, na periferia de Diadema, os moradores sentem em seu cotidiano a mudança positiva. Cleiton Pereira, por exemplo, tem 17 anos. Ele conta que, nos últimos três ou quatro anos, houve uma queda visível no número de assassinatos de seu bairro.

O adolescente lembra que, quando criança, ficava "assustado para caramba" quando ouvia um tiro. Ele saía correndo

Busca

Voltar

Página

Destac

ABCD
Recém-organiz
socieda
contra z

Quebrar
Entre v
preside
lançam
contra z

Exposiçã
Organiz
para pe
comuni

Ritmo d
Show d
diferent
agita P
cinco e

Celebrar
Abertur
Mundial
mil pes
Porto A

para sua casa, com medo. Mas, aos poucos, diz que foi se acostumando àquela realidade. Num determinado momento, Cleiton passou a considerar tudo aquilo – inclusive a perda de vários colegas – muito "normal".

Essa naturalização da violência é apontada no Mapa da Violência do Estado de São Paulo como um fenômeno presente no inconsciente da população brasileira e que contribui para a sensação generalizada de insegurança na população, apesar da redução dos índices de violência. De acordo com Júlio Jacobo Waiselfisz, sociólogo que coordenou a pesquisa, os cidadãos brasileiros encaram a violência como um "desastre natural", contra o qual não se pode fazer nada, além de se proteger. O pesquisador diz que o intuito do estudo, no entanto, é justamente mostrar que é possível reduzir a criminalidade se poder público e sociedade civil trabalharem conjuntamente para isso.

No caso de Diadema, a secretária municipal da Defesa Social e comandante da Guarda Civil Metropolitana do município, Regina Mikki, conta que o município passou a atuar em quatro eixos para reduzir os índices de violência: melhoria do policiamento e mapeamento dos pontos críticos da criminalidade; promoção de ações sociais e preventivas, sobretudo nas áreas de maior risco social; intensificação da fiscalização e urbanização das favelas; e convite à população para participar das discussões.

A secretária conta que o programa foi desenvolvido em parceria com a sociedade civil. E explica que isso ajudou a dar credibilidade às ações do poder público. Nesse sentido, Regina diz que foi fundamental a criação de um Conselho Municipal de Segurança, composto por representantes do poder público, da polícia e da sociedade civil.

Disseminada entre os jovens

Segundo o Mapa da Violência do Estado de São Paulo, a população que tem entre 15 e 24 anos (são de cerca de 38,7 milhões de brasileiros, conforme os números do DataSus de 2003) é a mais vulnerável à violência. O estudo mostra que um jovem de 20 anos tem quatro vezes mais possibilidade de ser assassinado do que uma pessoa "não-jovem". Os homens são as principais vítimas.

Entre 1993 e 2003, o número total de homicídios registrados pelo Sistema de Informações sobre Mortalidade (SIM) registrou aumento de 50,8%, enquanto a população cresceu 16,7%. Juntos, homicídios, suicídios e acidentes de transporte representam mais de 2/3 do total de mortes na população jovem (72%). Já na população adulta, esses três fatores representam 6,5% das causas de mortandade.

No Estado de São Paulo, 9,7% dos óbitos entre a população não-jovem são motivados por "causas externas". Entre os jovens, elas são responsáveis por 79,1% das mortes. O homicídio é o principal responsável pelos óbitos, representando 3,6% das mortes entre a população não-jovem e 50,5% entre os jovens.

Para Jorge Werthein, representante da UNESCO no Brasil, essa é a população jovem é a mais afetada pela violência porque não consegue permanecer na escola, nem ingressar no mercado de trabalho. "Em países como a Espanha, Coréia, Japão, nos quais a inclusão da juventude no sistema de ensino é prioritária, os índices de homicídio são muito menores. Se comparar um país como a Espanha com o Brasil, por

cada jovem que morre lá, morrem 50 aqui", pondera.

Por isso, ele considera fundamental a criação de uma política de inclusão do jovem na educação e outra de incentivo ao primeiro emprego. "A educação tem que ser prioritária. A política repressiva é mais cara do que a preventiva. É melhor manter o jovem no Ensino Médio, o que representa um gasto de R\$ 1.200,00 por aluno do que manter o jovem na Febem, o que representa um gasto de R\$ 4.500,00 por adolescente", calcula.

Jorge ainda afirma que os estudos da Unesco revelam que os próprios jovens querem uma educação melhor, mais saúde, emprego, espaços próprios onde possam desenvolver atividades de lazer, artes, esportes, cultura. Por isso, programas como o Escola da Família são importantes. "É fundamental desenvolver programas que atendam às especificidades da juventude. Dando essas respostas, incluindo os jovens, eles vão parar de morrer".

Retorno a Diadema

O bairro de Eldorado, na periferia de Diadema, abriga 38.270 pessoas em uma área de 5,815 Km², de acordo com o Censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística de 2000. É nessa região que, apesar do esforço do poder público e da sociedade civil organizada no enfrentamento à violência, de julho a dezembro de 2003 ainda se registrou 40% dos homicídios ocorridos em Diadema. E é também aí que se localiza a Associação de Apoio à Criança em Risco (ACER).



Jovens participam da oficina "Raízes do Brasil", da ACER, que resgata aspectos da cultura afro-brasileira e tenta romper preconceitos

A organização existe desde 1993, embora seu perfil de atuação tenha mudado muito. Hoje, a missão da ACER é "resgatar a dignidade de crianças e jovens, promovendo a transformação do meio social". E, para isso, ela atua em duas frentes: na oferta de atividades recreativas, lúdicas, culturais e educativas; e no acompanhamento social das crianças.

Em sua origem, a ACER atendia as crianças que saíam de Diadema e iam morar na Praça da Sé, no centro de São Paulo. Com o tempo, percebeu que era mais eficaz trabalhar na prevenção da migração de crianças para a rua do que na recuperação das crianças e adolescentes. Assim, quando a criança começa a puxar carrinho de supermercado, quando perambula pelas ruas do bairro durante o dia, enfim, quando existem indicativos de que a criança pode ir para a rua, os educadores da entidade convidam os meninos e meninas a participarem das atividades da organização.

Apesar do foco de atuação ter mudado, a filosofia da ACER permaneceu a mesma durante esses 12 anos de existência. Veruska Rodrigues Galdini, coordenadora técnica da Associação de Apoio à

Criança em Risco (ACER), explica que as crianças vão para as ruas quando não existem mais vínculos afetivos que as unem a suas famílias ou a outros adultos. Para resgatá-las é fundamental recriar esses vínculos. E esse é o papel do educador da ACER, que deve se tornar uma referência positiva para a criança.

Esse princípio é utilizado até hoje na entidade. Assim, cada uma das 520 crianças e adolescentes que participam das atividades da ACER conta com um educador responsável, que é escolhido pela própria criança. "O educador é como um amigo da criança, que a orienta em suas escolhas ou nas negociações necessárias com a família, com os colegas etc", diz Veruska.

A coordenadora diz que a função do educador não é ocupar o lugar dos pais, nem do Conselho Tutelar, mas potencializar a atuação dessas e de outras instâncias. Portanto, quando o educador percebe que a criança está fora da escola, por exemplo, ele conversa com os pais, aciona o promotor da Vara da Criança e do Adolescente, o Conselho Tutelar, ou o órgão que for mais adequado. Se o jovem tem um problema em casa, o educador vai até a família e conversa com os pais.

Diálogo e respeito em primeiro lugar

A proposta da ACER é ensinar às crianças e aos adolescentes como negociar seus desejos e necessidades a partir do diálogo. Veruska conta que por meio das vivências na organização, da participação em suas atividades, o comportamento das crianças é transformado. "Muitas crianças chegam aqui apresentando um comportamento agressivo. Com o passar do tempo, passam a respeitar mais o que o outro tem a dizer, a estar mais abertos ao diálogo", afirma.

Para a coordenadora, esse trabalho ajuda na prevenção à violência. Na sua avaliação, esse problema está ligado a uma questão cultural. "A Lei Seca, por si só, não resolve o problema da violência, embora ajude a diminuir os índices. É preciso mudar a cultura; transformar a cultura da violência para uma cultura de tolerância, de diálogo, de respeito à convivência. Trabalhar a violência é trabalhar as diferenças, é não exigir que todos sejam iguais, mas ao contrário, ter vontade de conhecer o outro, ser curioso em relação às diferenças. Para mim, é na vivência da não-violência que se ensina a não-violência", diz.

De fato, muitos meninos e meninas que convivem na instituição dizem que o aprender de mais importante com a ACER foi a deixar de lado a timidez e conversar com pessoas diferentes, respeitar a opinião do outro e juntar idéias para transformar a comunidade.

William Almeida, 16 anos, participa do projeto Cinema à Pampa da ACER, que além de promover a elaboração de filmes, leva o cinema produzido ou não pelos garotos para as escolas e ruas da comunidade. Ele diz que o acesso à cultura promovido pela organização e o diálogo ajudam a quebrar preconceitos. "Quanto mais a gente descobre o lugar de onde veio, as origens de nossa cultura, mais percebemos que somos resultado de uma mistura de raças e isso faz com que a gente perca o preconceito", afirma.

O garoto confessa que até há pouco tempo, ele era preconceituoso: "Já passei diversas vezes por situações preconceituosas porque gosto de rock. E eu mesmo tinha preconceito, contra homossexuais. Mas entendi que isso é bobeira, que Deus deu o livre arbítrio para os homens viverem

na Terra. Não deixo mais de falar com uma pessoa por causa de sua cor, religião ou orientação sexual", esclarece.

Protagonismo Juvenil

Na ACER, 84 jovens participam do Programa Agente Jovem, do Governo Federal. Elaborado em parceria com o município e com entidades sociais, o Agente Jovem tem por objetivo incentivar o protagonismo juvenil e a intervenção dos jovens em sua comunidade.

Cada entidade coloca o programa em prática da forma que considerar mais adequada. Para ser Agente Jovem, o adolescente recebe uma bolsa-auxílio de R\$ 65,00. Mas graças a uma parceria da ACER com a Embaixada Britânica, na organização, os jovens recebem R\$ 100,00.

Os Agentes Jovens participam do Cinema à Pampa, do Cine Mambembe, do Cine Calçada e do Cinema Joaninha (que levam o cinema a diversos espaços da comunidade), mas também são responsáveis pelo Família Unida (jogos cooperativos realizados nas escolas) e pelo Ensinando e Aprendendo (que promove atividades de artesanato). Organizam ainda o famoso Sabadão que, a cada 15 dias, reúne cerca de 300 jovens numa "baladinha saudável ou diferente".



Michele Cordeiro Santos e Roberto Jorge da Silva, organizadores do Sabadão, que consegue reunir 300 pessoas em uma balada sem álcool, drogas ou violência

Na festa, não entram bebidas, drogas, armas ou roupas provocantes. Idealizada pelos adultos da ACER em 2001, hoje ela é organizada completamente pelos jovens. São eles que fazem as regras, para evitar que qualquer tipo de violência atrapalhe o ambiente. "A gente percebe que muitas vezes as meninas aos bailes com roupas chamativas. Aí, os meninos começam a olhar para elas e logo arranjam briga com os namorados. Por isso, proibimos a entrada de garotas vestidas com roupas curtas e muito

decoladas. Você pode ficar bonita usando roupas mais discretas, menos vulgares", diz Michele Cordeiro Santos, 17 anos, uma das organizadoras do Sabadão.

Michele conta que, apesar das restrições, a festa não é chata. "A gente acredita que a diversão não precisa passar por uma substância química que muda sua forma de agir", afirma. Ela explica que a entrada no Sabadão é gratuita e por isso ele é uma opção de entretenimento para as pessoas da comunidade, que não têm muitas oportunidades de lazer e que não podem pagar 25 ou 30 reais para ir a uma festa.

O monitor Roberto Jorge da Silva, 28 anos, que também ajuda a organizar a festa e é responsável pela oficina de tambores (Raízes do Brasil), diz que o Sabadão procura trazer músicos da comunidade ou não para tocar ao vivo. A festa também conta com um DJ, que toca todos os tipos de música para agradar a todos os convidados. Na festa, são vendidos apenas sanduíches e refrigerantes. A renda arrecadada em cada balada é utilizada na organização da seguinte.

Na opinião dos Agentes Jovens da ACER, mostrar para os adultos e para a comunidade em geral que os jovens têm capacidade para

transformar a realidade local é o mais difícil. Mas com perseverança, eles estão obtendo reconhecimento. Alguns adolescentes contam que, quando vão a reuniões da comunidade e dizem que são Agentes Jovens, eles passam a ser tratados de outra forma. "Ser Agente Jovem dá status na comunidade. Tanto que diversos adolescentes querem ser agentes", conta Denise Cristina Silva, 17 anos, que é monitora do Cinema à Pampa.

"O projeto Agente Jovem tem um poder transformador para o lado positivo. Ele faz o jovem acreditar que Diadema não precisa ser vista só como um lugar de drogas, violento e ponto. O projeto mostra que Diadema pode crescer, vai crescer e que quem vai fazer isso é a gente, lutando junto", conclui Dayana da Silva Bueno.

Números da violência no Estado de São Paulo

O Mapa da Violência do Estado de São Paulo, recentemente publicado pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) analisou os índices de violência no Estado, entre 1993 e 1999.

Entre 1993 e 1999, verificou-se que os índices de violência cresceram com regularidade no Brasil e com maior intensidade no Estado de São Paulo. As taxas de homicídio no Estado passaram de 28,2 homicídios por mil habitantes, em 1993, para 44,1 homicídios por 100 mil habitantes, em 1999 - o que representou um crescimento de cerca de 8% ao ano. Esse crescimento foi identificado, em maior ou menor grau, em todas as regiões analisadas, em todas as faixas etárias.

A partir de 1999, enquanto as taxas de homicídio continuavam crescendo no Brasil, em São Paulo, elas passaram a cair em uma proporção de 5% ano. Um dado curioso é que, nessa segunda etapa, o declínio das taxas de homicídio foi muito mais acentuado entre os não-jovens (5,9%) do que entre a população jovem (3,9%).

As quedas mais significativas do Estado de São Paulo foram registradas na própria capital, na região metropolitana e na Baixada Santista. No interior do Estado, ao contrário, registrou-se um pequeno aumento anual. O coordenador do estudo, sociólogo Julio Jacobo Waiselfisz, diz que essa "interiorização da violência" é resultado do aparecimento de pólos econômicos no interior, que atraem mais mão-de-obra e também mais criminalidade. A nova Lei de Segurança Nacional também contribuiu para dificultar a ação do crime, que se locomove para áreas de menor risco.

Embora tenha havido uma redução no número total de homicídios, o estudo mostra que, a partir de 1998, a participação das armas de fogo nesse tipo de crime aumentou. Segundo Julio Jacobo Waiselfisz, em São Paulo, as armas de fogo vitimam mais do que doenças endêmicas como a AIDS. Ele alerta que mais de 40% das mortes juvenis no Estado são causadas por armas de fogo. E que quando se analisa apenas a região metropolitana de São Paulo, o número sobe para 47%.

Apesar das quedas, o Estado de São Paulo, que abriga cerca de 22% da população brasileira, foi responsável, em 2003, por 27,3% dos homicídios registrados pelo SIM. O pesquisador ainda esclarece que a definição de homicídio é "agressão ilegal intencional". Os números, portanto, não levam em consideração a morte de civis por parte de policiais, já que isso não pode ser considerado como crime.

No caso dos acidentes de transportes, observou-se um aumento dos índices entre 1993 e 1996 até que, em 1997 - quando foi promulgada a nova lei de trânsito - e até 2000, os índices despencaram no Brasil. Já entre 2000 e 2003, os índices voltaram a crescer. No Estado de São Paulo, os índices de acidente de trânsito seguiram a mesma trajetória, sendo que, a partir de 1997, passaram a ficar abaixo da média nacional.

O fenômeno se repetiu no caso dos índices de suicídio. Os números de suicídio em São Paulo despencaram rapidamente no ano de 2000, permanecendo sempre abaixo da média nacional.

O estudo mostra ainda que os municípios que adotaram a Lei Seca (fechamento de bares após as 23 horas) tiveram uma queda de 28,8% nas taxas de homicídios dolosos. Nos que não a adotaram reduziram os números em 19,8%. Quando se associa a Lei Seca a outros programas de prevenção à violência e criminalidade, os índices caem ainda mais.

Ontem, a Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados (Fundação Seade) divulgou uma outra pesquisa que confirmam os dados do Mapa da Violência do Estado de São Paulo. De acordo com a Fundação, entre 1999 e 2004, o Estado apresentou uma redução de 29% em seus índices ocorrência de homicídios. A análise dos dados referentes à capital mostra uma queda de 40,6% nos homicídios e, na região metropolitana, 39%. No interior do Estado, no entanto, a redução foi de apenas 2%.

Serviço:

Associação de Apoio à Criança em Risco

<http://www.acerbrasil.org.br/>

Espaço Comunitário ACER

Rua João Antonio de Araújo, 395, Bairro Eldorado, Diadema – SP

Tel.: (11) 4049-1888 / 4049-3111



O que é o Portal Setor 3 | O que é Terceiro Setor | Agenda
 Deu certo | Editorial | Entrevistas | Clipping | Educação e Cidadania | Opinião
 Publicações | Repórter S3 | Últimas Notícias | Apoio à Gestão Social | Arquivo S3
 Bate Papo | Cidadania Empresarial | Classificados | Financiadores | Glossário do 3 Setor
 Links Recomendados | Pesquisas e Estudos | Receba as Novidades | Senac no Terceiro Setor
 Voluntariado | Dúvidas Comuns | Envie seu Artigo | Expediente | Fale com o S3

Matérias anteriores:

[De Olho na Mídia](#)

Organização defende comunicação "livre, independente e verdadeira"